

Isabel Lustosa
**A história do Brasil
lida nos periódicos**

Atraída originalmente pelo humor e pela caricatura, a pesquisadora que se tornou uma das maiores especialistas brasileiras na história da imprensa comenta sua trajetória, destacando os estudos que já realizou e as novas pesquisas sobre o tema em que está atualmente envolvida.

> Doutora em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) e pesquisadora titular da Fundação Casa de Rui Barbosa, Isabel Lustosa também dirigiu a área de pesquisa do Museu da República (1989/1990) e trabalhou no Patrimônio Histórico (1991/1992). Essa cearense de Sobral, nascida em 1955, tem sido responsável por alguns dos mais inovadores estudos a respeito da história da imprensa brasileira no século XIX, conforme se pode verificar nos livros *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*¹ e *O nascimento da imprensa brasileira*,² publicados respectivamente em 2000 e 2003. Além de estudos sobre a história da imprensa, é autora de inúmeros títulos sobre história do Brasil, entre eles *História do Brasil explicada aos meus filhos*,³ *Histórias de presidentes: a república no Catete*,⁴ *D. Pedro I: um herói sem nenhum caráter*,⁵ entre outros.

A historiadora é também precursora de estudos sobre o humorismo brasileiro do começo do século XX, tanto em suas matrizes na boêmia literária daquele período quanto na apropriação estética do humor pelo Modernismo. Está nesse caso a edição crítica que organizou de *História do Brasil pelo método confuso*, de Mendes Fradique,⁶ e o seu *Brasil pelo método confuso: humor e boêmia em Mendes Fradique*,⁷ tendo inovado ainda o conhecimento da história da caricatura brasileira com a publicação do livro *Nássara: o perfeito fazedor de artes* (1999),⁸ além de inúmeros artigos sobre o tema. Em 1996, seu livro *O Chico e o avô do Chico*⁹ ganhou o *Prêmio Carioquinha* da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Incansável pesquisadora, Isabel Lustosa foi, ainda, uma das responsáveis, junto a Alberto

Dines, pela monumental reedição do jornal de Hipólito da Costa, *Correio Braziliense 1808/1822*, em 29 volumes, pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (2002/2003), fonte que, desde então, tem sido o principal alvo de algumas de suas investigações.

Na entrevista que se segue, a historiadora relata aspectos de sua trajetória intelectual, suas experiências de pesquisa em arquivos e o desafio de ampliar o público leitor de história no Brasil, além de, naturalmente, abordar algumas particularidades de seu tema de estudos favorito, qual seja, o nascimento da imprensa brasileira, os debates que desde então se travaram pelas páginas dos jornais e a maneira como eles influenciaram na formação político-social do país.

RAPM - Em sua trajetória profissional e intelectual, como nasceu o interesse pela história da imprensa?

Isabel Lustosa - Meu interesse pela imprensa começou pela caricatura e pelo humor, uma das linhas de pesquisa com que trabalho. Escrevi meu primeiro livro – *Histórias de Presidentes: a República no Catete*¹⁰ – no âmbito de um projeto coordenado pelo professor José Luis Werneck da Silva. Ele era o chefe do Setor de História do Museu da República, que fica no Palácio do Catete, onde eu trabalhava como pesquisadora, e propôs a realização de um estudo sobre a história da casa e do bairro onde ela está situada. Assim, meu primeiro artigo publicado foi sobre a história do Bairro do Catete e meu primeiro livro, sobre o Palácio. Como me foi dada total liberdade na condução da pesquisa, escolhi trabalhar com a imagem dos presidentes que passaram por lá. Privilegiei a representação que deles fizeram a imprensa, principalmente os caricaturistas e

humoristas. Assim, tomei contato com a produção de jornalistas do final do século XIX e começo do século XX. Ao procurar conhecer o ambiente da imprensa em que foram publicadas as primeiras caricaturas – a caricatura surgiu no Brasil em 1837, em plena Regência – fui surpreendida pela agressividade dos tantos pasquins que circulavam então. O livro de Helio Vianna sobre o tema¹¹ me pôs em contato com três grandes figuras que marcaram a imprensa da Regência, mas que já estavam em cena no período da Independência: José da Silva Lisboa, o visconde de Cairu, Luiz Augusto May e Cipriano Barata. O jornalismo que fizeram então antecipava o que fariam na Regência. A partir daí resolvi procurar conhecer a imprensa da Independência e descobri essa história fascinante que conto em *Insultos impressos*.

RAPM - Como surgiu a proposta da reedição do Correio Braziliense (1808-1822) e quais têm sido, em termos de pesquisa, as repercussões desse trabalho?

Isabel Lustosa - O jornalista Alberto Dines é o grande realizador dessa obra monumental. Graças aos seus esforços e à sua dedicação, a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo empregou na

Os jornais daquela fase de nossa história eram a voz pública de seus redatores e tinham por finalidade divulgar suas idéias.

edição dessa obra o melhor de sua equipe e de seus equipamentos. Conhecedor do meu livro *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência*, Dines me procurou para colaborar com ele nessa empreitada. Durante dois anos trabalhamos na confecção das notas que abrem os volumes e na preparação de um volume de textos reunindo trabalhos de diversos autores. São estudos que contemplam desde a trajetória do jornalista Hipólito da Costa a análises do conteúdo do *Correio Braziliense* e do período

em que foi produzido. Também foi feito um amplo levantamento bibliográfico e documental para auxiliar os que buscam informações sobre o jornal e seu editor. Quanto à repercussão, não sei avaliar. É uma coleção muito grande, e tenho visto referências à nossa edição em trabalhos de colegas daqui e do estrangeiro. Mas, sendo uma obra fundamental e de referência que abrange todo o período joanino e vai até o final do ano de 1822, tenho certeza de que terá vida longa. Além dos artigos de Hipólito, o *Correio Braziliense* reúne reproduções de documentos que cobrem quase tudo o que estava acontecendo de relevante em termos políticos e econômicos na Europa e nas Américas durante o período que vai de 1808 a 1822, com ênfase no que se passava no Brasil e em Portugal.

RAPM - Em seu livro, *Insultos impressos*, a senhora afirma que na época da Independência os “jornais não noticiavam: produziam acontecimentos”. Quais as implicações dessa situação e quando ela é alterada?

Isabel Lustosa - Os jornais daquela fase de nossa história eram a voz pública de seus redatores e tinham por finalidade divulgar suas idéias. Em geral, eram feitos por uma ou duas pessoas e representavam as tendências que estavam então em disputa na cena política brasileira. Sendo o único meio de difusão desse ideário, eles se esforçavam para influir nas decisões do príncipe, de seus ministros e sobre o ainda pouco definido público leitor. Era uma comunidade pequena, e o que se publicava ecoava facilmente em seu interior. Isso fica evidente quando se observa o quanto os jornais falavam uns dos outros, comentando ou respondendo artigos ou cartas publicadas. Foi dessa forma que se fizeram sucesso tanto a campanha pelo “Fico” quanto a campanha por uma constituinte brasileira. O abaixo-assinado pedindo a D. Pedro que convocasse a constituinte foi agitado inicialmente nas páginas do *Correio do Rio de Janeiro*, de João Soares Lisboa. A dissolução da constituinte foi uma reação à violenta campanha que os jornais *O Tamoio* e *Sentinela da Praia Grande* faziam

Todos se dirigiam a uma suposta opinião pública que, creio, eles mesmos não sabiam de que elementos de fato ela se constituía.

contra os portugueses, diretamente, e contra D. Pedro I, indiretamente.

RAPM - A proliferação de jornais correspondia a uma recepção igualmente ampla por parte dos leitores? A quem exatamente eles se destinavam, já que não se pode falar na existência entre nós de uma opinião pública, no sentido clássico da expressão proposta por Tocqueville?¹²

Isabel Lustosa - Para quem escrevia Hipólito da Costa nos idos de 1808, quando a corte portuguesa mal acabara de chegar ao Brasil? Certamente que,

publicando em Londres um jornal com o nome de *Correio Braziliense*, pretendia influir sobre os destinos do Brasil. Então, é bem possível que Hipólito visasse ao rei, que era então o senhor absoluto do nosso destino, mas também às elites brasileiras e portuguesas cujos interesses se prendiam ao destino do Brasil, por meio daquele que passou a ser chamado de “partido brasileiro” e que, com Cairu à frente, seria decisivo para o “Fico”. O mesmo era o objetivo de Cairu, sendo nesse caso o rei sucedido por D. Pedro I como seu público-alvo e, naturalmente, trazendo idéias que diferiam das de Hipólito. May escrevia muitas vezes sob a forma de carta dirigida ao príncipe.¹³ Todos se dirigiam a uma suposta opinião pública que, creio, eles mesmos não sabiam de que elementos de fato ela se constituía. Se não havia uma opinião pública no sentido mais ortodoxo do

termo, porque não havia um público formado, no entanto, falava-se e procurava-se conceituar o que era opinião pública. E, em certo sentido, todo o esforço dos jornalistas visava formar essa opinião. Mesmo que o elenco de pessoas capazes de se manifestar ou influir nos acontecimentos fosse bastante diminuto, ele era significativo e teve importância decisiva no rumo que tomaram os acontecimentos. O acesso à educação era muito mais restrito, livros custavam muito caro, a impressão do jornal também, ainda que bem menos. Assim, o jornal era o impresso de mais fácil acesso que havia. A mentalidade dos homens de letras do tempo também acentuava o caráter missionário do papel do jornalista. Ele tinha uma enorme responsabilidade e à imprensa não cabia apenas informar de forma neutra como, idealmente, se pretende hoje em dia. Era preciso educar o leitor. Aqueles eram homens do Iluminismo que pretendiam formar o povo para o futuro constitucional que se avizinhava. Tinham uma visão do papel da imprensa como forma de educação dos povos e viam-na como substituto natural da escola e do livro em um meio tão escasso de ambos.

RAPM - Em um de seus ensaios, “O macaco brasileiro: um jornal popular na Independência”,¹⁴ a senhora indica

[...] no seio dessa elite ilustrada havia gradações e, dentre os jornalistas, alguns eram certamente de extração mais modesta.

a existência de uma imprensa popular no século XIX. Quais as principais características dessa imprensa e em que ela se diferencia da imprensa da elite?

Isabel Lustosa - Em um contexto de escravidão é difícil definir e conceituar o que era ser popular. Havia uma distância muito grande entre um homem livre alfabetizado, capaz de ler e escrever, e a grande massa de homens livres e libertos que pouco se diferenciava dos escravos. No entanto, no seio dessa elite ilustrada havia gradações e, dentre os jornalistas, alguns, como

os redatores do *Macaco Brasileiro* e do *Correio do Rio de Janeiro*, eram certamente de extração mais modesta do que jornalistas como José da Silva Lisboa, futuro visconde de Cairu, ou Hipólito da Costa, ou ainda os vários redatores que passaram pela *Gazeta do Rio de Janeiro* e que colaboraram com o jornal dos Andradas, *O Tamoio*. Esses jornalistas mais modestos escreviam com menor correção e eram visivelmente discriminados pelos demais. Basta que se leiam os comentários maliciosos dos outros jornais contra os erros de português publicados por João Soares Lisboa, do *Correio*, ou as críticas à falta de clareza dos textos do *Macaco*. O Brasil era não só um país majoritariamente analfabeto, mas também um país onde quase a metade da população era de escravos. Esse dado e o medo de que essa

população totalmente excluída de qualquer direito civil ou político viesse a reivindicá-los davam à luta dos liberais americanos um caráter diverso da luta dos europeus. Os elementos envolvidos nas ações que levaram primeiro ao “Fico”, em 9 de janeiro de 1822, depois à convocação de nossa primeira assembléa constituinte, em junho de 1822, seguida da proclamação da Independência, em setembro do mesmo ano, eram muito pouco numerosos. Os jornais eram vendidos a partir de subscrição, e sua tiragem alcançava em torno de 200 exemplares, chegando, os muitíssimo bem-sucedidos, a no máximo 500 exemplares. Muitos desses jornais eram lidos nas tabernas e nas praças. Mesmo assim, o público do jornal não era certamente essa população de excluídos que os próprios jornalistas preferiam não ver envolvida na luta que travavam pelos interesses do Brasil.

RAPM - Nos debates acalorados que se travaram no período compreendido pela sua pesquisa já estava implícita a questão centralismo versus federalismo, que logo eclodiria sob a forma de insurreições regionais? Esta seria a questão mais importante que se colocava então para nossas elites, ou que outras igualmente relevantes se debatiam nos jornais?

O Brasil era não só um país majoritariamente analfabeto, mas também um país onde quase a metade da população era de escravos.

Isabel Lustosa - O tema do federalismo aparece de forma mais clara nos jornais pernambucanos. Tanto os artigos de Cipriano Barata quanto os de Frei Caneca eram reproduzidos pelo *Correio do Rio de Janeiro* e, assim, o tema entrou na pauta da imprensa e dos políticos do Sudeste. Durante os trabalhos da constituinte de 1823, ele também seria intensamente debatido, verificando-se a mesma divisão, ou seja, uma tendência federalista mais forte nas províncias do norte, que se ressentiam da elevada tributação que sobre elas insidia, contra a

defesa de uma centralização do poder feita por representantes do Rio, de Minas e de São Paulo. Esse vai ser o tema dos artigos mais agressivos de Cipriano Barata: os custos da manutenção da corte do Rio de Janeiro, que eram pagos pelas outras províncias do país.

RAPM - Qual é sua opinião a respeito dos acervos jornalísticos brasileiros? Quais as instituições que abrigam as mais completas coleções? Em que outros países há importantes coleções de jornais brasileiros? E os acervos privados, são numerosos? Quais as condições de acesso a eles?

Isabel Lustosa - Não conheço muitos acervos, pois trabalhei basicamente com a coleção de microfilmes da Biblioteca Nacional.

A Casa de Rui Barbosa tem uma parte da coleção original do *Correio Braziliense*. No entanto, a que usamos para fazer a edição fac-similar está completa e pertence a José Mindlin. Consegui comprar, quando estava fazendo minha tese, uma edição fac-similar de *O Tamoio* e outra de *A Malagueta*, publicadas nos anos 1940. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) publicou uma edição fac-similar do *Reverbero Constitucional Fluminense*, de Joaquim Gonçalves Ledo e Januário da Cunha Barbosa. Na época da elaboração de minha tese, consultei também os originais que pertencem ao acervo do IHGB. Se não me engano, foi lá também que consultei uma coleção encadernada de vários panfletos do Cairu.

RAPM - Na sua pesquisa, que dificuldades a senhora encontrou para o acesso às fontes documentais utilizadas?

Isabel Lustosa - A coleção de microfilmes da Biblioteca Nacional é bastante abrangente, mas há alguns claros e às vezes não é possível preenchê-los a tempo. Alguns jornais, nunca consegui achar. Talvez outros colegas os tenham descoberto. A pesquisa tem muito de imprevisível e tanto pode decepcionar quanto surpreender.

Esse vai ser o tema dos artigos mais agressivos de Cipriano Barata: os custos da manutenção da corte do Rio de Janeiro, que eram pagos pelas outras províncias.

Às vezes procura-se uma coisa e acha-se outra que não se estava procurando e que interfere na condução do trabalho. Creio que isso é o que torna a atividade de pesquisa tão estimulante.

RAPM - Quais os temas de pesquisa que mais a seduzem atualmente?

Isabel Lustosa - Eu continuo envolvida com Hipólito da Costa e pretendo trabalhar mais em torno de alguns temas que

ele desenvolveu no *Correio Braziliense*, como seus projetos para o Brasil, a maneira como viu o processo de independência das colônias espanholas e, naturalmente, o tipo de pensamento político que conformava suas idéias e atitudes. Mas a pesquisa que estou realizando no momento, em parceria com o professor Theo Lobarinhas, do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF), trata dos comerciantes portugueses do Rio de Janeiro durante o período joanino e o Primeiro Reinado. É um trabalho que nos foi encomendado por um grupo português e que tem me obrigado a ler muitos trabalhos de história econômica. Estou muito empolgada com esse projeto e tenho aprendido muito, o que para mim é sempre motivo de prazer.

RAPM - Nota-se, nos anos recentes, um aumento do interesse público pela história. Seu livro *D. Pedro I: um herói sem nenhum caráter*, diz respeito a essa tendência. O que explicaria isso e quais os cuidados a senhora teve ao escrever essa obra?

Isabel Lustosa - O livro sobre D. Pedro foi feito sob encomenda para a coleção *Perfis brasileiros*, organizada por Elio Gaspari e Lilia Schwarcz. A idéia dos editores foi convidar especialistas para escrever livros enxutos, de formato não-acadêmico e em linguagem acessível a um público mais amplo. Foi uma experiência muito boa, e o diálogo com os dois editores ao longo da produção do texto me ajudou a acertar o tom. Fiquei muito feliz com a repercussão que teve e acho muito positivo todo o interesse do grande público pela história do Brasil. Como digo em meu livro mais recente, *A história do Brasil explicada aos meus filhos*, conhecer a história de nosso país é um exercício de autoconhecimento. De modo que, quanto mais os brasileiros procurarem se informar sobre a trajetória que o Brasil percorreu até chegar ao que é hoje, mais entenderão seu papel e seu lugar nessa história. Creio que se tornarão melhores cidadãos.

Os jornais e as revistas são objetos polifônicos e poliformes, há muitos elementos capazes de atrair o leitor e conduzi-lo por caminhos os mais variados.

RAPM - A sua obra recupera, em certo sentido, uma tradição ensaística dos estudos sociais brasileiros, inclusive por sua aproximação com o texto literário. Que influências a senhora apontaria como decisivas para essa escolha?

Isabel Lustosa - Eu fui uma devoradora de romances desde a infância até a idade adulta. O ritmo de trabalho que tenho enfrentado nos últimos 15 anos me afastou desse prazer que marcou a minha vida. Creio que esse gosto pela leitura de ficção

influiu no formato dos textos que produzo. Mas também me influenciaram alguns autores cujo estilo em que apresentam suas idéias demonstra que se pode veicular pensamentos profundos de forma ágil e elegante. Cito especialmente Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido e Afonso Arinos de Mello Franco. Dentre os mestres com que trabalhei diretamente e que me influenciaram, cito José Murilo de Carvalho, Wanderley Guilherme dos Santos e Roberto DaMatta.

RAPM - Que sugestões e temas a senhora daria a um pesquisador iniciante, interessado em pesquisar a história da imprensa brasileira?

Isabel Lustosa - Acho que, antes de tudo, é preciso que ele já tenha achado o seu objeto de

interesse. É preciso que ele seja realmente um apaixonado por papéis velhos e que ache prazer em folheá-los sem pressa, com interesse e atenção. Antes de firmar um pensamento sobre o que quer encontrar, é preciso primeiro mergulhar em sua fonte e se deixar levar um pouco por ela. Sei que isso parece um pouco poético, mas, na verdade, acho que a pesquisa mais bem-sucedida é a que revela coisas novas, coisas que o pesquisador não esperava encontrar. E para que isso aconteça é preciso estar aberto à possibilidade de conduzir sua pesquisa por um caminho bem diverso do que inicialmente tinha sido proposto. Os jornais e as revistas são objetos polifônicos e poliformes, há muitos elementos capazes de atrair o leitor e conduzi-lo por caminhos os mais variados. É claro que os limites dessas variações são dados pela área em que se inscreve a pesquisa, mas, com a interdisciplinaridade, sobra sempre uma folga para incluir, por exemplo, uma reflexão sobre o aspecto gráfico da publicação. E quem garante que essa não vá superar em interesse o objetivo original?

Notas |

1. LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
2. LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
3. LUSTOSA, Isabel. *História do Brasil explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
4. LUSTOSA, Isabel. *Histórias de presidentes: a república no Catete*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: FCRB, 1989.
5. LUSTOSA, Isabel. *D. Pedro I: um herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
6. MENDES FRADIQUE. *História do Brasil pelo método confuso*. Organização de Isabel Lustosa. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (Coleção Retratos do Brasil.)
7. LUSTOSA, Isabel. *Brasil pelo método confuso: humor e boemia em Mendes Fradique*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

8. LUSTOSA, Isabel. *Nássara: o perfeito fazedor de artes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Secretaria Municipal de Cultura, 1999.

9. LUSTOSA, Isabel. *O Chico e o avô do Chico*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1996.

10. LUSTOSA, Isabel. *Histórias de presidentes: a República no Catete*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: FCRB, 1989.

11. VIANNA, Helio. *Contribuição à história da imprensa brasileira: 1812-1869*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

12. Alexis de Tocqueville (1805-1859), precursor da moderna ciência política. Viajou aos Estados (1835-1840), onde estudou o sistema político e social daquele país, que descreveu no livro *Democracia na América* e desenvolveu o conceito de "opinião pública".

13. Luis Augusto May, jornalista polêmico, nascido em Portugal, em 1792, e falecido no Rio de Janeiro, em 1850. Atuou na imprensa desde 1821 publicando esporadicamente o jornal *Malagueta*, que se tornou bastante popular. Por conta de seus escritos foi espancado em 1823 e em 1829, possivelmente em ambas as vezes por ordem de D. Pedro.

14. LUSTOSA, Isabel. O macaco brasileiro: um jornal popular na Independência. *Revista USP*, São Paulo, n. 58, p. 92-103, 2003.